

CONHECIMENTO CULTURAL PARA OS FUTUROS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM: UM OLHAR AOS QUILOMBOLAS

Geicile Santos Barreto da Paixão*
Iêda Maria Fonseca Santos**
Silvia Karla Almeida dos Santos***

No estado da Bahia a Fundação Palmares certificou mais de 700 comunidades quilombolas, conforme o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.”. Ao longo do tempo, o termo quilombo vem sendo ressemantizado para designar a situação presente das inúmeras comunidades negras em diferentes regiões do Brasil, como enfatiza a Associação Brasileira de Antropologia (ABA). À vista da temática, é relevante que o profissional de enfermagem usufrua de conhecimentos teóricos e científicos, bem como, experiências multiculturais para que detenha das competências que dão suporte à profissão. Os saberes advindos dos quilombolas proporcionam à enfermagem conhecimentos conceituais, assim como, métodos de atendimentos e assistências às comunidades afrodescendentes. O presente trabalho tenciona apresentar um relato de experiência de uma atividade desenvolvida, com vista às práticas de Educação em Saúde na comunidade quilombola do Kaonge, integrante do território identitário da Bacia do Iguape, pertencente ao município de Cachoeira-BA. Foi realizada leitura e discussão prévia acerca dos conteúdos relacionados à atividade em sala de aula, visita à comunidade, roda de conversa com representantes da comunidade e utilização de roteiro de observação. A comunidade possui uma infraestrutura bem básica. Seu acesso é feito por estrada de chão, a eletricidade chegou em 2005 e água encanada apenas em 2010. Possui uma escola de Ensino Fundamental I, construída no ano de 2000. Também há uma casa de farinha, preservação do meio ambiente e o correto descarte dos resíduos produzidos pelos integrantes. A comunidade vive da agricultura que é cultivada em suas próprias terras, o turismo, (uma das bases de sustento) e a prática religiosa. A roda de conversa foi conduzida pela Mestre Griô, sua narrativa remontou um panorama histórico da realidade da comunidade, sendo possível perceber um alto grau de deficiência nos serviços de saúde prestados aos quilombolas. O traço falciforme apareceu como uma característica genética amplamente distribuída no grupo, mas não há qualquer monitoramento nesse sentido. Atualmente, na comunidade não há unidade básica, os moradores não recebem visita de agente comunitário de saúde ou de endemias, nem visita da enfermeira responsável pela cobertura da área da comunidade e os moradores precisam se deslocar para outro local em busca de atendimento de saúde. É de suma importância que os organismos responsáveis compreendam o quanto é fundamental a integração das políticas de saúde com as políticas sociais e, estabeleçam novas relações reconhecendo a estrutura e as formas de organizações, suas transformações e expressões ao articularem ações que possam reduzir os agravos e promover a saúde na comunidade, sem perder de vista a as práticas e a identidade cultural do grupo. Ademais, é importante que se constitua um projeto de extensão com envolvimento dos estudantes da faculdade com o objetivo de apresentá-los a diversidade

*Graduanda em Enfermagem 4º Semestre, Faculdade Maria Milza (FAMAM). geiclesantos@gmail.com

**Enfermeira, Docente da Faculdade Maria Milza (FAMAM). iedamfs2017@gmail.com

***Enfermeira, Docente da Faculdade Maria Milza (FAMAM). iedamfs2017@gmail.com



**MUDANÇAS, PERSPECTIVAS E TENDÊNCIAS SOCIOESPACIAIS:
15 ANOS DA FAMAM NO RECÔNCAVO DA BAHIA/BRASIL
8 A 10 DE NOVEMBRO DE 2018
FACULDADE MARIA MILZA**



cultural afrodescendente, reconhecendo o perfil epidemiológico desta e de outras comunidades.

Palavras-Chave: Atenção Básica. Comunidade Quilombola. Enfermagem.